



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2014

PORTUGUESE HOME LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2½ hours

80 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

SECÇÃO A POESIA/POETRY

Esta secção contém duas perguntas (1 e 2). Responda a duas alíneas da pergunta 1 e a toda a pergunta 2.

PERGUNTA 1

- 1.1 Espera-se que todos os requisitos sejam abordados. O poema é uma cantiga de amigo da época trovadoresca. A determinação e classificação da rima. Identificação do refrão como meio intensificador do desespero da jovem que vê as águas a subir à medida que espera pelo 'amigo' que não chega, e que vê o irremediável a aproximar-se: a morte. A gama de sentimentos deve ser explorada. **[10]**
- 1.2
- 1.2.1 a) Há a interrupção da corrente de consciência como que para o eu poético analisar os seus sentimentos, levando-nos a crer que, no íntimo, reconhece a sua culpa, que tenta desculpar na estância seguinte. **(2)**
- b) Mais uma vez se verifica a paragem da corrente de consciência, para o eu poético meditar no que, sem meditação, iria escrever. E mais uma vez a tentativa de ocultar a culpa é derrubada pela sua objetividade, reconhecendo, na estância que se segue, que tem culpa, que, no entanto, desculpa pelo facto de tentar solidarizar-se com uma imensidade de vidas. **(2)**
- 1.2.2 A intenção ou o sonho de realização poética e humana acabou por ter de se cingir a um resumo, a uma ínfima parte, sonho que acabou por ficar abandonado, causando no eu poético uma profunda sensação de vazio, de impotência, de angústia e dor por não poder ultrapassar as infinitas dificuldades que a rodeavam. A grandeza do que tencionava concretizar circunscreve-se apenas à desilusão de um só ente, o eu poético. **(3)**
- 1.2.3 Não ser capaz de concretizar o sonho é entrar no esquecimento, é ter um desejo incontido sem o poder concretizar. É o que o eu poético afirma na primeira estrofe, 'ficar no meio'. Ficar no meio significa 'nada'. Tal sensação deixa o eu poético num sereno e incontido desespero, embora analise friamente o que se passa no seu íntimo. **(3)**
- [10]**
- 1.3 O título "Momento num café" traz à tona o ambiente da rua, de onde Bandeira busca inspiração para grande parte de sua obra. Das coisas mais banais do dia-a-dia é que nasce a sua surpreendente reflexão sobre temas tão caros ao ser humano. Neste poema ele põe-se como observador dos fatos, como alguém que, mais do que ver a superfície dos acontecimentos, consegue enxergar o movimento de introspeção e – por que não? – meditação do homem acerca da morte. Narra os factos como num conto ou como quem narra uma história: "Quando o enterro passou" ... não há data, não há hora. A cena está suspensa no tempo; utiliza também os verbos no passado para dar esta sensação de factos já ocorridos, mas sem especificar o "quando": passou, achavam, tiraram, saudavam, estavam, descobriu, sabia, saudava e passava.

Os três primeiros versos mostram um gesto incomum hoje em dia nos grandes centros urbanos, mas que ainda perdura no interior. Momentos considerados

respeitosos como uma refeição, um velório ou mesmo a passagem de um cortejo, são marcados por esta atitude: tirar o chapéu. Mas o que chama a atenção é o advérbio empregado pelo poeta no terceiro verso: maquinalmente; os homens tiram seus chapéus como máquinas, talvez mais por convenção social que propriamente respeito para com o morto. Isso se confirma no quarto verso: "Saudavam o morto distraídos." Não há comprometimento, não há nada que una os homens daquele café com o morto que passa. Por que o saudavam distraídos? Podemos tentar responder com os versos cinco, seis e sete. Bandeira enfatiza o termo 'vida' repetindo-o três vezes nos últimos três versos desta primeira estrofe: Estavam todos voltados para a vida "Absortos na vida".

O poeta procura fixar esta palavra na nossa cabeça ou quer mostrar que naquelas cabeças presentes naquele café não havia espaço para a morte. Todos os pensamentos estavam concentrados e esperançosos na vida. Era apenas mais um morto, mais um entre tantos cortejos. Os verbos no passado também ilustram esse passado que passava diante dos olhos daqueles espectadores.

O que faz com que este enterro não seja apenas mais um entre tantos outros? O que há nesta cena que chama a atenção do nosso narrador? O poeta percebe que há um entre os homens ali presentes que provavelmente não tirou seu chapéu de forma programada: Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado.

Mais do que descobrir alguma coisa, o homem se descobriu. Não foi rapidamente, mas num gesto largo e demorado, como o verso do poeta; é como se uma eternidade coubesse no tempo da passagem do esquite. O advérbio "longamente", utilizado no verso nove, auxiliado pelo verbo olhar no gerúndio, demonstra de modo claro esta sensação de longevidade, de algo duradouro. Uma fração de segundos que dura o suficiente para que aquele homem perceba um algo a mais naquilo que vê. Ele não é um simples observador e sim participante da cena: o poeta observa o homem que observa o caixão do defunto que passa à sua frente.

Os dois versos que se seguem vão apresentar a palavra "vida" novamente, não como um termo passivo como nos versos cinco, seis e sete, e sim como um termo carregado de significação em parceria com o verbo ser no presente do indicativo. O homem, personagem da ação, sabia que a vida é: 1) uma agitação feroz e sem finalidade; 2) traição. O poeta não utiliza termos dóceis para dar significado à vida. Além de machucar (ser feroz) e não ter um objetivo ou algo a ser alcançado (sem finalidade), a vida é desleal (traição). A morte, apesar de ser a única certeza do ser humano, é um facto do qual não se sabe data e hora, muito menos o que esperar – se é que há algo a esperar – após a sua chegada. É traição porque engana o ser humano, não levando em conta os seus projetos.

Sabendo desta efemeridade da vida, que passa como o sibilar do vento e do poema, ou que se acaba tão rápido como uma xícara de café, aquele homem saudava, conscientemente, a matéria que passava, matéria que foi liberta para sempre da alma extinta. Além de usar um verbo no particípio, indicando uma ação que está plenamente concluída, o poeta ainda reforça a ideia com o "para sempre". Não é apenas agora, é ad aeternum.

Este poema e todos os presentes em Estrela da Manhã apresentam um Manuel Bandeira "já liberto do 'gosto cabotino da tristeza' e assim desperto para o mundo em torno", segundo Davi Arrigucci Jr. Sua maestria em retirar da humildade quotidiana o material para sua poesia, de tirar das entranhas dos factos mais banais aquilo que dará sentido não apenas à sua obra, mas também à sua vida, faz-nos ver

como um poeta, vivendo à sombra da morte certa, consegue olhar para ela não com medo, mas com a bravura do herói diante daquilo que deve enfrentar.

[<<http://www.naudaprosapoesia.com.br/2010/07/momento-num-cafe.html>>]

[10]

- 1.4 1.4.1 A poesia narrativa é uma forma de poesia que conta uma história, apresenta ambientes e personagens e os acontecimentos e lhes dá um significado. É o caso deste poema, que nos conta a história da urbanização, do desaparecimento dos espaços verdes e das suas consequências para as pessoas e animais. Tal como acontece com alguns textos de coletâneas ou histórias, termina com uma lição de moral. (3)
- 1.4.2 Deve indicar-se que é um indivíduo atento ao que se passa à sua volta, preocupado com a preservação das espécies e com a conservação da natureza. O eu poético apresenta-se como um espetador crítico e consciente que contrasta a 'naturalidade' dos espaços abertos com a 'artificialidade' dos espaços urbanizados. Indicia também conceitos éticos ao insurgir-se contra a corrupção visível na construção de alguns prédios. (2)
- 1.4.3 Adultos – as pessoas insurgem-se contra o levantamento de prédios, surge nelas um sentimento de cólera, de raiva e manifestam-se contra o desaparecimento dos espaços verdes, mas as críticas são inúteis.
- Crianças – estas, com os espaços verdes perdidos, perdem as suas brincadeiras porque ficam confinados aos andares em que vivem. As brincadeiras vão ficando esquecidas e passam ao universo do folclore, isto é, serão recordados como jogos antigos, jogos de antigamente. (3)
- 1.4.4 A última estância alude ao automatismo dos atos das cidades, à rotina e à corrupção. O resto da resposta é livre. (2)
- [10]

PERGUNTA 2

Em África tem-se uma lembrança breve e fugidia da neve e do frio europeus abafada pelo calor, que faz do Natal algo diferente. Porém persiste o simbolismo natalício que os portugueses difundiram por todo o lado através de uma linha que a distância adelgaça, mas não quebra. Essa linha é a tradição que persiste, levada até terras distantes. Essa tradição é tão intensa que até faz as pessoas sentirem, no íntimo, o frio e a neve europeias pelos quais talvez já tenham passado. Esta é uma das leituras possíveis do poema, visto que, tendo sido escrito em 1966, algumas palavras e versos têm uma interpretação mais profunda. O verso 'quase finíssima linha' aponta para o distanciamento cada vez maior da província de Moçambique em relação a Portugal, a metrópole, devido ao movimento de resistência que iniciara uma guerra; indica também a maneira como muitas pessoas, alguns dos ditos colonos e alguns dos ditos portugueses, se sentiam em relação à metrópole, cada vez mais distanciados, como se pode adivinhar no verso 'a razão do tudo ao nada'. A última estância também aflora o facto de que a 'tradição' não afeta as pessoas do mesmo modo e que algumas comemoram o Natal 'porque manda a tradição', não porque o sintam de verdade.

[10]

30 marks

SECÇÃO B ROMANCE/NOVEL

Deve responder a uma pergunta de ensaio e a uma pergunta direcionada. Se responder ao ensaio na Secção A, deve responder à pergunta direcionada na Secção C.

PERGUNTA 1

Se os candidatos tiverem dado esta obra, saberão abordar os requisitos da pergunta. Acrescenta-se apenas que é preciso não esquecer que o livro refere espaços e sociedades africanas do pós guerra, cheias de dinamismo, com as suas identidades bem marcadas.

A obra caracteriza-se por diversos tipos de viagem, um dos seus principais aspectos, que nos levam a múltiplos territórios espaciais, emocionais, sociais, políticos, económicos e identitários que se entrelaçam em diversas vozes narrativas e se ligam aos contextos históricos anteriores, desde os impérios e colónias até culminarem no espaço influenciado pela globalização que tudo marca hoje em dia. A pluralidade de espaços propicia o conhecimento de muitas identidades. A busca, a fixação ou a rejeição da identidade é um dos temas principais que se vincula intimamente ao processo de hibridação (em termos de participação e integração), na concepção de Homi Bhaba, que se afirma como condição para a formação de diversos grupos sociais.

[25]**OU****PERGUNTA 2**

2.1 Mandume acaba de chegar de Luanda onde acompanhara Laurentina numa longa viagem de costa a costa. Mandume achava Luanda uma cidade desregrada, cheia de lixo, e é com o sentimento de superioridade que conclui a viagem. Mandume tem uma ideia negativa de Luanda, caótica e fervilhante de vida, de ambiente tão diferente de Lisboa. Para ele, Luanda é um lugar que se degradou e é degradante: é um lugar onde a pobreza é chocante, onde se faz sentir o racismo, onde as pessoas se caracterizam pela estupidez, onde os homens quase que impõem uma virilidade agressiva, onde grassa a intolerância e a arrogância; cidade crioula e sensual, isto é, plena de ambiente oposto ao de Lisboa.

(5)

2.2 Mandume sente-se inteiramente português. Nascera, crescera e vivera sempre em Lisboa, que considera a sua cidade. É com o alívio de deixar a desorganização de África que ele percorre, feliz, as ruas de Lisboa. Para ele é tudo maravilhoso. As esquadrilhas das ruas e das casas, a sinalização, a organização dava-lhe uma inteira satisfação. O motorista é um português de gema, nunca deixara Lisboa, mas, sem termo de comparação, vê Lisboa pelos típicos olhos dos portugueses que vêem defeitos em tudo. Fala de Lisboa com um certo desprezo, se assim se pode considerar.

(5)

2.3 Não, neste momento não há crise de identidade em Mandume. A crise de identidade fica esquecida uma vez chegado a Lisboa.

Mandume afirma categoricamente que é português, 'Felizmente os meus pais ficaram em Portugal. Nasci em Lisboa. Sou português. Houve uma fase da minha vida, entre as dores e os ardores da adolescência, em que tive dúvidas. Não sabia muito bem a que mundo pertencia.' (p. 70), mas no presente está convicto da sua

identidade portuguesa. Para Laurentina, a viagem não foi apenas uma viagem de conhecimento do Outro, mas também de si mesmo.

Na sua visita a África, Mandume sente que não se integra no espaço, não se identifica com os costumes diferentes daqueles com que fora criado, afastara-se das suas raízes e fora criado num ambiente diverso, ao qual sentia que pertencia, enquanto Laurentina se completa com a nova cultura, aproxima-se do Outro e entende a sua identidade/alteridade.

O facto de Mandume ter discordado da viagem da noiva, mostra uma preocupação com o regresso ao que ele nega, as suas raízes. Repete incessantemente 'Eu não sou daqui. Eu não sou daqui. Eu não sou daqui. Repito isto em silêncio ao longo do dia. (...)' A repetição indica que a viagem lhe toca no íntimo, mas Mandume rejeita essa compreensão. " – Não és angolano, pois não?" " Outras não perguntam nada. Digo-lhes na mesma: – Sou português!" (p. 153). É como se Mandume pretendesse fixar-se para sempre como português, como se tentasse fixar a identidade estabelecida com a vivência em Lisboa.

(5)

- 2.4 2.4.1 A resposta do motorista denota a rejeição da alteridade, neste caso em termos de cor: " – Você é português?! Ah! Ah! Então eu sou sueco". (p. 536). Mandume é negro e, para o motorista, isso é o suficiente para o julgar como africano e não como português, ou melhor, não é europeu. É a resposta a Mandume, a resposta à rejeição da sua identidade angolana. Quer dizer que afirmar uma identidade é marcar um limite entre ela e o resto, o que é exterior a ela. Mandume fizera-o na viagem e o motorista em Portugal. Mas o facto de Mandume ser negro, denota a sua origem africana, e isso é uma maneira de lembrar o passado histórico e a presença do negro na Europa significa a integração no ocidente e a sua transformação.

(5)

- 2.4.2 Resposta livre. A falta de educação será penalizada.

(5)

[25]

25 marks

SECÇÃO C TEATRO/DRAMA

Se, na Secção B, tiver respondido apenas às perguntas direcionadas, deve, nesta Secção, responder ao ensaio (Pergunta 1, que é uma pergunta de desenvolvimento). Se, pelo contrário, na Secção acima tiver respondido apenas às perguntas de desenvolvimento, deve agora responder à Pergunta 2.

PERGUNTA 1

Apresenta-se uma grelha, no entanto é preciso não esquecer que os candidatos devem apresentar um comentário. Esse comentário deverá basear-se nos pontos abaixo.

Século XIX – 1817	Século XX – anos 60
Agitação social que levou à revolta de 1820	Agitação social: conspirações internas; principal erupção da guerra colonial
Regime absolutista e tirano	Regime ditatorial salazarista
Classes hierarquizadas, dominantes, com medo de perder privilégios	Classes exploradas; desigualdade entre abastados e pobres
Povo oprimido e resignado	Povo reprimido e explorado
Miséria, medo, ignorância, obscurantismo mas "felizmente há luar"	Miséria, medo, analfabetismo, obscurantismo mas crença nas mudanças
Luta contra a opressão do regime	Luta contra o regime totalitário e ditatorial
Perseguições dos agentes de Beresford	Perseguições da PIDE
Denúncias de Vicente, Andrade Corvo e Morais Sarmiento	Denúncias dos "bufos"
Censura à imprensa	Censura total
Repressão dos conspiradores; execução sumária e pena de morte	Prisão; duras medidas de repressão e tortura; condenação sem provas
Execução de Gomes Freire	Execução de Humberto Delgado
Revolução de 1820	Revolução do 25 de Abril de 1974

[25]**OU**

PERGUNTA 2

- 2.1 O candidato devre demonstrar conhecer a estrutura da obra. (3)
- 2.2 O peso de Gomes Freire é inegável pois é o catalisador, é motivação para o povo se revoltar contra os opressores: Julguei que isto era o fim e afinal é o princípio (...) Olhem bem! Limpem os olhos no clarão daquela fogueira e abram as almas ao que ela nos ensina! (...) Felizmente, felizmente há luar! (pg. 164). Enquanto vivo, é a ameaça constante que pende sobre a cabeça dos governantes, uma vez morto, determina o início de uma nova era. Vivo ou morto, o seu nome apenas é motivo de insegurança e terror para a junta que governava Portugal, incluindo Beresford. (5)
- 2.3 A resposta encontra-se na Pergunta 1. (6)
- 2.4 Matilde é a personagem principal do ato II. Companheira de Gomes Freire, é forte, persistente, corajosa, inteligente, apaixonada. Defende sempre o marido, pondo até de lado a sua autoestima quando suplica pela vida do marido. Acusa o povo de ser cobarde, mas depois compreende a sua impotência para lutar. Ela é a voz da consciência junto dos governadores, obrigando-os a confrontarem-se com os seus atos. Desmascara o Principal Sousa, que não segue os princípios da lei de Cristo (5)
- 2.5 Personagem forte, com grande densidade psicológica, carregada de simbologia; Mulher corajosa, defensora da sinceridade, denuncia a falsidade e a hipocrisia do Estado e da Igreja. Luta por causas perdidas – justiça, lealdade, valentia. Companheira de todas as horas de Gomes Freire, do ponto de vista afectivo, manifesta-se uma mulher apaixonada que vai tomando consciência da inevitabilidade do fim do seu companheiro, ainda que eivada de esperança, culminando num estado de delírio, alucinação, face à perda iminente do seu homem. As suas falas, imbuídas de dor e revolta, constituem também uma denúncia da falsidade e da hipocrisia do Estado e da Igreja. (6)

[25]

25 marks

Total: 80 marks